

# Unesp vai monitorar nota de aluno para evitar abusos

Universidade constatou ligação entre queda de rendimento e uso de álcool

**Especialista defende a medida; mães estão de acordo, mas pedem que escola invista mais em conscientização**

ESTEVÃO BERTONI  
DE SÃO PAULO

A partir do próximo semestre, os mais de 37 mil alunos da Unesp passarão por uma malha fina. O sistema que armazena as notas dos estudantes irá alertar coordenadores dos 134 cursos sobre quedas de rendimento acadêmico.

O monitoramento é parte de um pacote de medidas que a reitoria adotou para inibir casos de violência e abuso.

A ideia surgiu, segundo a vice-reitora da Unesp, Marilza Rudge, depois que uma sindicância constatou que os alunos hospitalizados em fevereiro deste ano após uma competição com vodca em Bauru (a 329 km de São Paulo) já registravam queda no desempenho acadêmico.

Na ocasião, o estudante de engenharia elétrica Humberto Moura Fonseca, 23, morreu intoxicado após ingerir mais de 25 doses da bebida. Outros seis foram internados.

“Um desses meninos era excelente no primeiro ano, mas foi caindo progressivamente de rendimento até ficar muito fraco”, diz Rudge.

Por isso, a universidade, que não divulga as notas dos estudantes envolvidos no caso, criou uma ferramenta para reconhecer as oscilações.

Quando avisados, os coordenadores terão de identificar a origem do problema.

“No geral, quando um estudante se envolve com ál-

cool, ele perde o interesse no curso. A ideia é detectar antes um evento drástico como o de Bauru”, conta o professor de engenharia elétrica Laurence Colvara, pró-reitor de graduação da Unesp.

Se o problema for o álcool, o aluno será aconselhado a procurar ajuda em serviços da própria universidade.

Para o psiquiatra Arthur Guerra de Andrade, professor associado da USP e titular da Faculdade de Medicina do ABC, a iniciativa é “inteligente” e “ousada”, mas, por si só, não é suficiente.

“Na universidade, muitos estudantes se envolvem com diversas novidades, como o álcool. E há situações em que o grupo promove festas com consumo intenso de bebida. Para quem tem alguma ansie-

dade, frustração ou não está bem no curso, o álcool serve como uma muleta”, afirma.

Ele defende maior ingerência das universidades sobre as festas. “Não é só o estudante com o rendimento ruim que vai buscar no álcool uma escapada para as angústias.”

#### ‘RISCOS DAS FESTAS’

A professora de enfermagem Josely Pinto de Moura, mãe de Humberto, diz que o filho estava se saindo bem na faculdade, não costumava ir a grandes festas e foi levado a beber pela “força do grupo”.

Mesmo assim, ela diz achar a proposta válida. “O fato de o professor ser alertado é importante para ele ver o que está acontecendo com o aluno.”

Para Josely, a universidade deveria conscientizar os

estudantes sobre os riscos das festas, para que tivessem recção e cuidado com o álcool.

“Muitas tragédias já aconteceram, não foi só a com o meu filho, e as universidades não conseguem acabar com esses abusos”, afirma.

A bibliotecária Fátima Alves, mãe da aluna Gabriela Alves, que foi internada após a competição, diz que sua filha também não teve problemas com os estudos. Ela defende um trabalho de conscientização que envolva todo o ambiente acadêmico. “O problema não é só do aluno, é de toda a universidade.”

A Unesp diz ter organizado oficinas virtuais e workshops sobre álcool e drogas, além de ter capacitado os vice-diretores das unidades para lidar com casos de abusos.



Copos de vodca na festa em que estudante morreu intoxicado

“Muitos estudantes se envolvem com novidades, como o álcool. Para quem tem alguma ansiedade, frustração ou não está bem no curso, o álcool serve como uma muleta

ARTHUR GUERRA DE ANDRADE  
psiquiatra

## Medidas contra violações ainda punem pouco

DE SÃO PAULO

Após a Assembleia Legislativa de São Paulo realizar no início do ano uma CPI sobre as violações de direitos humanos nas faculdades paulistas, as instituições estaduais desenvolveram iniciativas para tratar do tema.

A Unesp criou, em março, um Grupo de Trabalho de Prevenção da Violência, coordenado pela vice-reitora, Marilza Rudge, que discute mudanças na legislação da universidade para aumentar o controle sobre as repúblicas.

Já na USP, as unidades desenvolvem iniciativas próprias. A Faculdade de Medicina, que já suspendeu a tradicional festa Show Medicina, a pedido do Ministério Público, abriu neste ano uma ouvidoria e um Núcleo de Estudos e Ações em Direitos Humanos.

O núcleo, coordenado pela procuradora aposentada Vânia Balera, propõe que as festas adotem táticas como acabar com o “open bar” (consumo livre de bebida) e oferecer comida. Outra proposta é que as comissões tenham profissionais do direito.

Para o professor da Esalq Antonio de Almeida Jr., que estuda os trotes, as universidades têm posição ambígua sobre a violência e raramente punem com expulsão.

“A preocupação central da universidade é a sua própria imagem. Até certo ponto, ela quer que o trote ocorra. Por outro lado, não quer que a violência chegue à mídia.”

Atualmente, a Unesp tem três sindicâncias abertas investigando violações, e a USP, sete. A Unicamp não informou se apura algum caso. (R8)